



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS

ANTÔNIA CAROLINA DE JESUS SILVA

SONS E SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS
NA CIDADE DE PICOS PIAUÍ

PICOS

2021

ANTÔNIA CAROLINA DE JESUS SILVA

**SONS E SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS
NA CIDADE DE PICOS PIAUÍ**

Artigo apresentado ao curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: **Prof. Eps. Edigar
Gonçalves de Farias Júnior**

PICOS

2021

ANTÔNIA CAROLINA DE JESUS SILVA

**SONS E SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS NA
CIDADE DE PICOS PIAUÍ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em Letras/Português.

Aprovado em 15 de julho de 2021



Prof. Eps. Edigar Gonçalves de Farias Júnior (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Esp. Nádia Fernanda Martins de Araújo (Primeiro Avaliador)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Esp. Cleidiana da Silva Roque (Segunda Avaliadora)

Secretaria de Estado da Educação do Piauí - SEDUC-PI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 17 horas do dia 15 de julho do ano de dois mil e vinte e um, sobre presidência de Edigar Gonçalves de Farias Júnior, professor especialista da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) situado na cidade de Picos, realizou-se de forma remota sessão de defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "SONS E SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS NA CIDADE DE PICOS PIAUÍ" de autoria de ANTÔNIA CAROLINE DE JESUS SILVA, docente do Curso de Licenciatura em Letras Português. Fizeram parte como membros da banca avaliadora: Profa. Nádia Fernanda Martins de Araújo (1º examinador) e Prof. Cleidiana da Silva Roque (2º examinador). Edigar Gonçalves de Farias Júnior na qualidade de presidente da Banca de defesa da monografia citada acima, declarou aberta a sessão e apresentou os membros da Banca Avaliadora ao público presente de forma remota. Em seguida, aluna ANTÔNIA CAROLINE DE JESUS SILVA respondeu às perguntas elaboradas pelos membros da Banca Avaliadora. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pela presidência para se reunir secretamente com os membros da Banca Avaliadora para emitir o parecer da avaliação. Após avaliação secreta dos membros da Banca Avaliadora, Edigar Gonçalves de Farias Júnior, na condição de presidente da sessão, deu acesso a todos ao ambiente remoto para testemunharem a leitura do parecer emitido pela banca de avaliação assim foi lido, "após apresentação e defesa da monografia de ANTÔNIA CAROLINE DE JESUS SILVA, seguida da arguição da Banca Avaliadora, os membros da banca consideraram a aluna ANTÔNIA CAROLINE DE JESUS SILVA aprovada, emitindo nota igual a 9,0". Prosseguindo a presidência agradeceu a participação dos membros da Banca Avaliadora e de todos os presentes e deu por encerrada a sessão; para constar, eu Edigar Gonçalves de Farias Júnior, lavrei a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada por mim e demais presentes, em testemunho de fé. Picos - Piauí 15/07/2021

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Edigar Gonçalves de Farias Júnior
Presidente

Nádia Fernanda Martins de Araújo
1º examinador

Cleidiana da Silva Roque
2º examinador

SONS E SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS NA CIDADE DE PICOS PIAUÍ¹

Antônia Carolina de Jesus Silva²

Edigar Gonçalves de Farias Júnior³

RESUMO

A pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS CoV-2), o COVID-19, mudou radicalmente a forma como as pessoas se relacionam, essas alterações são ainda mais evidentes para os surdos que utilizam da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para obter informações. Este cenário instigou a produção deste artigo, que objetiva investigar de que forma os surdos se comunicam com a sociedade e acessam informações sobre o período da Pandemia em espaços não escolares. Seguimos os pressupostos dos seguintes teóricos: Strobel (2009), Meira (2019), Gesser (2009), Vilhalva (2001), Perlin (2014). Nossa metodologia é qualitativa, ao passo que propomos uma análise interpretativa dos dados, o corpus apresenta questionários com perguntas abertas, elaboradas para responder os questionamentos levantados através da problematização. O estudo foi realizado com dois sujeitos surdos da cidade de Picos-PI, através de e-mails e da rede social (*WhatsApp*). Os resultados apontam que a comunicação entre surdos e ouvintes na cidade de Picos, no interior do Piauí, não supre as necessidades comunicativas dos surdos e que durante a pandemia não houve circulação de informação, acessível em Libras, promovida pela sociedade picoense, constatando a carência de conhecimento desta língua principalmente nos espaços onde surdos realizam atividades laborais.

Palavras-chave: Libras. Informação. Comunicação em tempos de pandemia.

ABSTRACT:

The pandemic caused by the new coronavirus (SARS CoV-2) the COVID-19 has radically changed the way people get along with others. These changes are even more evident for those who use Brazilian Sign Language (Libras) to obtain information. This

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

² Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: silvacarol2016@hotmail.com

³ Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: edigarjunior12@gmail.com

scenario fostered the production of this study, which aims to investigate how deaf people communicate and access information during the Pandemic period in non-school spaces. We based our assumptions on the following scholars: Strobel (2009), Meira (2019), Gesser (2009), Vilhalva (2001), Perlin (2014). Our methodology is qualitative, so we propose an interpretive analysis of the data. The corpus presents open question surveys designed to answer the questions raised through problematization. The study was carried out with two deaf participants from Picos-PI, through emails and WhatsApp. The results demonstrated that communication between deaf and hearing people in the city of Picos, in the interior of Piauí, does not meet the communicative needs of the deaf community. Besides, there was no circulation of information accessible in Libras during the pandemic, promoted by the society of Picos, showing the lack of knowledge of this language, mainly in spaces where deaf people perform work activities.

Keywords: Libras. Information. Communication in times of pandemic.

1. INTRODUÇÃO

A comunidade surda vem ganhando visibilidade desde 2002 quando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida oficialmente pela lei 10.436 (BRASIL, 2002). Com isso a Libras ganha status de língua e legalmente torna-se o principal meio de comunicação entre surdos e com pessoas ouvintes imersas na comunidade surda, mas, faz se necessário que os surdos tenham contato com pessoas da comunidade surda e principalmente com outros surdos usuários da Libras, para aprenderem a língua e os processos culturais existentes nessa comunidade.

A necessidade de comunicação surgiu com o ser humano, independentemente de ser surdo ou ouvinte, mas infelizmente, durante milênios a língua de sinais era vista como uma forma inferior de linguagem por ser vista apenas como gestos e não uma língua, como a fala oralizada, o conhecimento a respeito da complexidade dos sistemas linguísticos sinalizados somente ocorreu em 1960, quando o linguista americano William Stokoe “identificou e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30). Aqui no Brasil o reconhecimento linguístico é ainda mais recente, só veio a acontecer em 2002 com Lei 10.436 (BRASIL, 2002).

No entanto, nas cidades mais distantes das capitais a importância da Libras parece não acontecer da mesma forma nas grandes cidades, ainda existe desconhecimento sobre a fluência dos surdos em Libras até mesmo entre surdos, que utilizam de gestos para tentar realizar essa comunicação. A troca de informação com ouvintes também é desafiadora, pois sem Libras o que resta para muitos surdos é utilizar de pantomimas, gestos e em alguns casos isolados, uso do oralismo.

Quando cursei o Ensino Médio em 2014, fiquei surpresa em ver uma palestra com interpretação simultânea para Libras, um aluno recebia a informação de forma diferente dos demais, a modalidade de língua que estava sendo utilizada no pátio da escola naquele dia era visual espacial, naquele momento, não sabíamos a dimensão que aquela língua iria alcançar, nem quais seriam seus efeitos em nós como graduandos de Letras Portuguesa, mas a disciplina de Libras nos despertou para essa modalidade de comunicação, e gerou a inquietação de compreendermos como a sociedade se comunica com os surdos da zona urbana da cidade de Picos Piauí.

Na graduação, em 2019, enquanto cursava a disciplina de Libras percebemos que não bastava compreender os sinais de forma isolada, essa língua requer dos sujeitos que, dela se utilizam para se comunicar conhecimento da cultura surda, empatia para ver o mundo pela visão de forma análoga aos nativos dessa minoria linguística, bem como ter uma compreensão para remover os preconceitos pré-estabelecidos pela cultura ouvinte que está carregada de discriminações, exclusões, limites e ausências de comunicação. Essa é a questão que vem nos inquietando a ponto de pesquisarmos sobre a cultura e qual a importância dela para a comunicação social do povo surdo.

Desse modo, propomo-nos a discutir a comunicação entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes em esferas sociais, buscando saber como os surdos têm acesso a informação no âmbito familiar e profissional, principalmente, neste período de pandemia, provocada pela COVID-19, associando essas reflexões não só ao estudo da Libras, como também as relações culturais da comunidade surda e ouvinte da zona urbana de Picos Piauí. Para tanto, utilizamos de questionários com dois sujeitos surdos que adentraram na esfera profissional.

Dessa forma, para entendermos melhor como o sujeito surdo acessa informações e como ele se comunica com pessoas ouvintes nesse período de pandemia, trazemos as seguintes indagações : De que forma os surdos se comunicam entre seus pares e acessam as informações no período de Pandemia em espaços não escolares? Como acontece a comunicação entre surdos e ouvintes no contexto de pandemia em espaços não escolares? Quais as dificuldades que a pandemia impôs aos surdos?

Portanto, a pesquisa se justifica não apenas por sua relevância em termos de importância para a área educacional, mas por buscar evidenciar a necessidade de entendimento acerca da importância da Libras na comunicação de surdos em contexto social, pois é necessário que as pessoas ouvintes possam conhecer sobre o surdo para que eles sejam inseridos no meio social mais facilmente e sem tantos obstáculos, principalmente na comunicação. Ressaltamos a importância da Libras como sendo fundamental para as relações sociais, sobretudo e, assim como o ser humano no geral, pois está diretamente ligada a formação social, cultural e humana, pois através da Libras o surdo pode expor suas opiniões e contribuir na reflexão sobre as questões sociopolíticas e culturais com as quais o indivíduo se depara no decorrer de sua vida.

Pois, a comunicação é importante em qualquer esfera da atividade humana, no ambiente profissional uma boa comunicação demanda sucesso empresarial e lucratividade, no entanto, os surdos que estão nesta esfera muitas vezes são obrigados a usarem apenas de gestos para comunicar diálogos simples, uma vez que não existe conhecimento da Língua de Sinais ou da cultura surda, nesse sentido, o surdo adapta a comunicação a concepção que a sociedade possui em relação à deficiência (OMOTE, 1996).

Esperamos que os dados levantados, favoreçam reflexões sobre as condições nas quais os surdos da zona urbana de Picos Piauí desempenham suas funções, instigando a sociedade a investir na aprendizagem da Libras, pretendemos ainda provocar os próprios surdos a respeito da sua língua materna e de como ela beneficia o desenvolvimento do surdo nas esferas sociais.

2. REFLEXÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO DE SURDOS EM CONTEXTO NÃO ESCOLARES

A língua de sinais antes de ser considerada uma língua como qualquer outra, passou por um processo marcado por diversos eventos culturais, sendo fundamental para influenciar a comunicação das pessoas surdas. Pois, é através desses eventos que o surdo pode perceber que para se comunicar com outras pessoas não é preciso à oralidade, já que pode ser feito de diversas formas seja com o corpo, com as mãos ou expressões faciais; ou seja, cada movimento que o nosso corpo faz pode ser interpretado de uma maneira.

A visão por exemplo, desempenha as funções geralmente realizadas pela audição, é através dela que se constrói a cultura surda, e aprende a usar as mãos para expressar e conhecer o mundo “a visualidade é indispensável para a pessoa com surdez” (STROBEL, 2008, p.39). “Estas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, as atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias”.

Sendo assim, as pessoas surdas conseguem perceber o mundo à sua volta através de seus olhos. Segundo Strobel: “Muitas vezes a sociedade dificulta a participação dos sujeitos surdos, deixando de colocar muitos recursos visuais que promovem suas acessibilidades em vários espaços” (2008, p.41).

Na maioria das vezes as pessoas ouvintes, principalmente aquelas que trabalham em locais de muita movimentação; como em transportes, bancos, comércios, dentre outros; acabam esquecendo que no meio daquele público pode haver uma pessoa surda que necessita de algum auxílio visual para poder interagir. Strobel, em seu livro “As imagens do outro sobre a cultura surda” traz exemplos de como isso pode acontecer, vejamos um relato de Shirley Vilhalva:

Cheguei ao banco e peguei a senha de prioridade, avisei a moça do caixa, pois não tinha painel para ver a chamada, fiquei aguardando sentada no local reservado e fui vendo que ela ia chamando as pessoas e nada de chegar minha vez. De repente, levantei e disse para moça do caixa: moça, meu número é 54. Ela disse: oh! Desculpe, esqueci-me de você e já passaram muitos números, fica aí do lado que logo te atendo (STROBEL, 2008. pg. 41).

Nessa perspectiva, muitas vezes os recursos visuais não são tão fáceis de acompanhar, dificultando o entendimento de alguma situação, e o acesso em alguns lugares. Um dos fatores que também são responsáveis por isso acontecer é o preconceito que muitas pessoas ouvintes têm, perante a pessoa surda, ou seja, tem locais de atendimento ao público que não tem suporte necessário para atender as

peças surdas; e isso acontece geralmente por esse preconceito que as peças ouvintes ainda têm por não entender o povo surdo; pois muitos ainda veem a surdez como uma doença e também a falta de acessibilidade para que o surdo se sinta inserido e orientado no meio social.

Então, desconhecem quais instrumentos são importantes para que esse público tenha acesso às informações como todas as outras peças. Pois, é por meio dessas percepções que o indivíduo surdo começa a refletir sobre a sua identidade cultural, porque é observando o mundo a sua volta que eles se comunicam, e criam sua identidade.

Segundo Strobel (2008, p. 43): “para construir tipos de frases na oralidade, percebe-se quando a frase está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa através da entonação da voz; no caso de língua de sinais precisamos estar atentos à expressão facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase”. Portanto, a pessoa surda não gosta de perder o campo visual; por exemplo:

[...] um grupo de surdos, do qual eu fazia parte, foi visitar uns amigos. [...] a luz do corredor apagou-se. [...] começou o pânico. Não sabíamos onde se encontrava o interruptor daquele andar e não podíamos combinar quem de nós deveria procurá-lo. E se cada um de nós está esperando pelo outro para acender a luz? E se eu não o fizer, e ninguém mais também, por quanto tempo ficaremos nessa escuridão? Parece que todos tiveram o mesmo pensamento e saíram à procura do interruptor. Éramos seis e ficamos esbarrando uns nos outros, sem poder nos comunicar. Essa situação acabou quando um morador entrou no prédio e, por acaso, acendeu a luz. (STRNADOVÁ, 2000, p. 194).

A palavra “escuridão” nos faz pensar que mesmo na presença de seus pares os surdos necessitam de comunicação, sem ela, ficam desorientados, e rotineiramente precisam criar estratégias para vencer barreiras que não existem para os ouvintes. Naturalmente as técnicas para comunicar vai depender do grupo em que estão inseridos.

A língua de sinais é uma das principais marcas de identidade do povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal e desempenhar suas atividades laborais. (Strobel, 2008)

Se há necessidade é conversar com um funcionário ouvinte de uma loja, na qual o surdo também trabalha, as estratégias provavelmente se modificam, o grau de conhecimento que o funcionário tem a respeito da Libras ou da cultura surdo vai determinar qual estratégia é viável, infelizmente muitas pessoas acham que Libras constitui-se é apenas gestos ou mímica, mas o que muitos não sabem é que o povo surdo lutou bastante para que a libras pudesse ser reconhecida como língua, pois, a mesma possui todas as propriedades linguísticas e que as pessoas surdas elas demonstram suas emoções e sentimentos através das mãos, dos movimentos corporais e faciais (GESSER,2009).

Além disso, a sociedade parece não entender que assim como os falantes de línguas orais, os falantes de línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos e podem ocupar lugares na sociedade inclusive na esfera profissional.

Segundo Klein (2010, p. 79) o trabalho é libertador, leva “o sujeito com deficiência auditiva à conquista da autonomia”, no entanto se faltar comunicação e a interação com o sujeito ouvinte, o surdo pode apresentar um rendimento inferior se comparado com colaboradores ouvintes ou mesmo abandonar determinado trabalho.

Nesse sentido, Sasaki (2010, p. 57) concorda com Klein quando usa a metáfora campo de batalha para mostrar as dificuldades que os deficientes são submetidos pela ausência de adaptações e informações pelos empregadores, “as pessoas com deficiência e seus aliados empenhados para conseguir alguns empregos e, do outro, os empregadores, praticamente despreparados e desinformados sobre a questão da deficiência.”

Sendo assim, para o surdo a língua de sinais é indispensável em qualquer espaço, pois o uso dessa modalidade de comunicação gera autonomia para o surdo e conseqüentemente harmonia nas atividades laborais realizadas por surdos e ouvintes.

3. METODOLOGIA

Uma vez delimitado o tema da pesquisa e a problemática que conduziria toda a elaboração dela, a saber, de que forma os surdos se comunicam e acessam a

informações no período de Pandemia em espaços não escolares, iniciou-se a escrita do trabalho.

Nosso objeto de pesquisa destaca a importância da Libras na comunicação de surdos na zona urbana da cidade de Picos-PI. Inicialmente, a conjectura era trabalhar com um número expressivo de surdos, no entanto, devido o momento pelo qual estamos passando socialmente, provocado pela Covid-19, dentre eles o isolamento social, sentiu-se a necessidade de realizar a pesquisa com um número reduzido de sujeitos para verificar com segurança e precisão o levantamento dos dados, visto que, acompanhar tantos sujeitos sobretudo de forma presencial, colocaria nossas vidas e as dos participantes em perigo, os participantes dessa pesquisa foram escolhidos com bases em seus currículos, pois os mesmos adentraram no mercado de trabalho e no ensino superior.

A escolha da amostra foi conforme Gil (1999), a amostragem por tipicidade ou intencional pode ser considerada um tipo de amostragem não probabilística e consiste em eleger um subgrupo da população que possa ser representativo de toda a população, com base nas informações disponíveis.

Optamos inicialmente pelo estudo bibliográfico, através da análise de artigos científicos, monografias e outros, para um aprofundamento teórico do tema abordado subsidiando e estruturando para uma melhor formulação da pesquisa de campo.

Deste modo, a pesquisa bibliográfica é um procedimento metodológico importante para facilitar a dinâmica da informação, e implica em um estudo teórico fundamental para a pesquisa realizada em torno de uma temática.

Segundo Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Dessa forma, usaremos como base teórica para dar sustentação a este trabalho; as teorias da autora Karin Strobel, com seus livros de história da educação de surdos – 2009 e as imagens do outro sobre a cultura surda – 2008. Além de analisar

essas teorias, refletimos a respeito da relevância do oralismo e do bilinguismo que fazem parte da comunidade surda; tendo como base um artigo intitulado “práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos – 2006” escrito por Sueli Fernandes. Portanto, a abordagem metodológica se deu pela escolha qualitativa. Por esta ser uma atividade que nos remete a analisar e refletir sobre os fatos que compõem o sujeito da pesquisa, esta abordagem lida predominantemente com informações e com dados da pesquisa.

Segundo Minayo (2001), a abordagem qualitativa responde: inativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na

Há questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis. (...) a abordagem qualitativa aproxima-se do mundo dos significados, das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Sendo assim compreendemos que a abordagem qualitativa, nos possibilita uma visão melhor sobre o objeto de pesquisa, pois deixa o indivíduo livre para expressar seus pensamentos.

Para a composição deste trabalho, foi aplicada uma pesquisa de campo, para entendermos de que forma os surdos se comunicam e acessam as informações no período de Pandemia em espaços não escolares. A pesquisa de campo baseia-se na observação dos acontecimentos com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o objeto pesquisado.

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes categorias de pesquisa (documental, participante) (FONSECA, 2002). A ida ao campo determinou o tipo de informação que precisava buscar para efetivar o trabalho pesquisado. O critério para a coleta de dados é a relevância que um dado representa para a pesquisa em questão.

Uma das técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa de campo foi o questionário. Segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões

apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Conforme o autor, a elaboração do questionário, permite que o pesquisador tenha mais êxito em alcançar seus objetivos, visto que as perguntas já direcionam ao entrevistado a refletir sobre a linha de pensamento que o pesquisador quer seguir.

Assim, fica claro que ao escolher o questionário como instrumento, faz se necessário uma boa formulação das perguntas, que irá compô-lo; portanto este não deve ser longo e as perguntas devem estar em sintonia com o propósito da pesquisa, visto que os questionamentos devem ser precisos e objetivos.

Nessa perspectiva, foi aplicado um questionário com objetivo de verificar de que forma os surdos se comunicam e acessam as informações no período de Pandemia em espaços não escolares. Autores como (Marcuschi, 1991; Nunan, 1992; Gil, 1999), revelam três tipos de perguntas, as fechadas (sim/não e com possíveis respostas predeterminadas), abertas ou informativas (dando ao pesquisado o poder de decidir o que dizer, e são caracterizadas por marcadores: qual, como etc.), e, dependentes (ou seja, a resposta da próxima pergunta depende da resposta da pergunta anterior). Optamos por perguntas abertas para colhermos todos os pensamentos dos sujeitos acerca da temática.

O procedimento adotado para coleta de dados aconteceu primeiramente com o envio dos questionamentos através de *e-mail* do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Posteriormente realizamos uma conversa informal pelo aplicativo *Google Meet* para obter as informações pessoais dos envolvidos na pesquisa, logo em seguida o questionário será enviado por e-mail aos colaboradores da pesquisa.

Para a escolha dos colaboradores consideramos o nível de instrução e o exercício de atividades laborais. E para manter o anonimato dos nossos colaboradores, chamaremos o primeiro sujeito surdo de P1, ele é do sexo masculino, está com 22 anos, possui Ensino Médio Completo e iniciará o curso de Pedagogia na UFPI no próximo semestre, além de trabalhar na rede privada de Picos e o segundo a quem chamaremos de P2, também é do sexo masculino, tem 33 anos, possui bacharelado em administração e trabalho no setor ao público.

Ressaltamos que os riscos que esta pesquisa oferece são mínimos, visto que respeitamos o isolamento social e assim preservamos a identidade dos sujeitos. Destacamos que esta investigação é isenta de custos para o participante,

assegurando-lhe o direito de ressarcimento diante de quaisquer prejuízos causados; ademais, a pesquisa não implicará em remuneração para a/o participante. Dessa forma, iniciamos a análise dos dados presentes nos questionários.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o alcance do objetivo da pesquisa e perseguindo o problema que nos comprometemos a investigar, analisamos os dados produzidos por meio de questionários com a finalidade de entender como essa comunicação acontece em meio à pandemia e como eles acessam informações sobre o que ocorre no país. Sendo assim, os questionários foram entregues, a dois sujeitos surdos que residem na cidade de Picos, com 07 perguntas igualmente abertas para que os sujeitos surdos pudessem se sentir confortáveis na hora de respondê-las. E para alcançar nossos objetivos levantamos a seguinte questão norteadora: como acontece a comunicação do sujeito surdo com o sujeito ouvinte no contexto de pandemia?

Então, com o questionário busca-se fazer um comparativo da experiência vivenciada pelos surdos participantes da pesquisa.

Pergunta 01: Nesse período da pandemia qual a sua principal fonte de informação?

RESPOSTA	
P1	P2
No que diz respeito à pandemia do novo corona vírus. Vários lugares passaram a vivenciar cenários preocupantes, particularmente com os impactos negativos em diferentes escalas, na saúde e na economia.	Redes sociais.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

De acordo com as respostas acima, podemos perceber que o sujeito P1 ponderou mais sobre as dificuldades que a pandemia gerou na economia e saúde, aparentemente, ele não respondeu à pergunta que lhe foi direcionada; pois ele não

cita qual foi a sua principal fonte de informação utilizada na pandemia. No entanto, é possível inferir que ele se manteve informado por meio de sites, pois traz dados condizentes com a realidade. Observamos ainda, que os dados trazidos pelo P1, estão no site da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, o que ficou notório que ele acessou este site para buscar informações sobre os efeitos da pandemia no meio social.

Algumas Universidade Federais, a exemplo da Universidade Federal do Piauí, mantiveram atualizações de conteúdo em Libras e em português voltados para pandemia, o que possibilitou acesso a informações sobre os desdobramentos da dos cenários pandêmicos.

O sujeito P2 respondeu de forma direta, ao relatar que utilizou as redes sociais como meio para conseguir informações sobre o que está acontecendo no nosso país. Um exemplo disso são *lives* que estão acontecendo durante esse período de pandemia trazendo conteúdos como se cuidar e como enfrentar as dificuldades desse momento, principalmente no meio trabalhista, onde muitos ficaram sem emprego e vários negócios tiveram que ser suspensos por causa da pandemia.

Algumas *lives* com interpretação em Libras aconteceram por exemplo nos canais: TV UNEB, Coala festival TV, objetivaram entreter por meio da música ; Forbes Brasil trataram de assuntos relacionados ao mercado de trabalho, Jovem Pan News trazendo informações do que acontece na atualidade, dentre outras; que tratam também como as pessoas podem se reinventar para conseguir uma renda ou até mesmo abrir um negócio próprio, outras falam como as pessoas podem lidar com esse momento, buscando estratégias e adaptações para realizarem os serviços de forma delivery, além disso, esse período de pandemia está gerando crises de ansiedade, de pânico e em alguns casos até depressão.

Pergunta 02: Em relação ao seu ambiente de trabalho, quais os principais obstáculos que você já vivenciou?

RESPOSTA	
P1	P2

<p>Desde o ano 2019 recebi o primeiro emprego e os obstáculos que eu já vivi no ambiente de trabalho era a falta de comunicação, por que tenho muita dificuldade de me comunicar com pessoas que estão no meio do ambiente de trabalho; hoje eu sinto um pouco melhor essa comunicação. (Escrita do surdo)</p>	<p>O uso de máscara devido a pandemia deixou um pouco mais difícil a comunicação e atendimento ao cliente. (Ortografia adaptada por nós)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Podemos perceber que a ideia do surdo se adequa a sociedade ouvinte prevalece até nos dias atuais, e isso dificulta a adaptação do surdo no meio social como por exemplo; no âmbito de trabalho, como observamos perante o relato do sujeito P1 que sentiu uma grande dificuldade na comunicação com seus colegas de trabalho pelo fato deles não dominarem a língua de sinais, sendo que é algo necessário para uma boa comunicação. Segundo Perlin (2005, p. 04): “o processo de ouvintização propaga a ideia de que o surdo precisa se adequar a sociedade ouvinte, se comportar como tal e seguir seus modelos culturais, pois assim, é ser o normal, e o aceitável para conviver de forma harmoniosa em sociedade”.

E para fortalecer o fato de que o surdo deve ter um acesso adequado no meio de trabalho, pois assim, a comunicação não seria um obstáculo. Perlin e Strobel (2014, p. 05) relatam: “os surdos na contemporaneidade afirmam fortemente sua condição humana de forma natural, de forma consciente e principalmente política”. No entendimento de que são politizados e conhecedores de seus direitos conquistados, através das militâncias, podem expressar livremente seus saberes nos espaços em que a língua de sinais é difundida.

E no período atual, essa comunicação ficou mais difícil, pois como relata o sujeito P2, o uso da máscara tornou difícil a leitura labial, esse recurso utilizado pelo surdo para facilitar a comunicação com o ouvinte e entender o que está sendo falado em uma conversa torna-se inútil nesse cenário pandêmico.

Nesse sentido, Garcia (2009, p. 05) traz que a surdez não pode ser vista pela sociedade através do viés da incapacidade, da ausência, sendo que, há muitas evidências que provam o contrário. A surdez, assim, deve ser analisada e pensada sempre pelo âmbito das virtudes dos sujeitos surdos, de suas qualidades ocultas ou visibilizadas. Aqui percebemos ainda, que as medidas protetivas foramacionadas,

sem considerar as condições específicas da surdez, pois os materiais de proteção facial, aumentaram a dificuldade de comunicação para aqueles que dependem da leitura labial, não obstante a ausência da Libras ainda, o surdo se ver sem condições de realizar suas funções laborais por conta do uso da máscara.

Pergunta 03: Referente ao sujeito ouvinte, como é sua relação com as pessoas ouvintes?

RESPOSTA	
P1	P2
Eu no dia a dia tenho muita dificuldade em relação a pessoas ouvintes, por conta da minha surdez, eu não sou muito comunicativo com ouvintes, se eu tivesse um aparelho auditivo minha relação com pessoas ouvintes seria muito melhor.	Normal (uso de vários recursos nos processos comunicativos).

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

De acordo com Kelman (2011) é no espaço familiar que ocorre às primeiras experiências de convívio social, a partir dessas, a criança desenvolve não só a sua capacidade de interagir e conviver com outros agentes que compõem a sua sociedade, mas também acontece a promoção de fatores internos relacionados ao seu desenvolvimento cognitivo.

Como podemos perceber é no seio familiar que se inicia a comunicação do surdo com ouvintes, uma vez que, é o ambiente no qual o sujeito surdo passa a adquirir conhecimentos adequados para a convivência no meio social.

O sujeito P1 nos relatou que o obstáculo maior é a comunicação com as pessoas ouvintes, isso pode acontecer inclusive no seio familiar, pois conforme Gesser (2009), a maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes não sinalizantes. Sendo assim, os períodos de quarentena configuraram-se em períodos de isolamentos, interrompidos esporadicamente por chamadas de vídeos.

Na fala do sujeito P1, recordamos de Gesser (2009) quando afirma que, a comunicação dos surdos envolve muitas questões, uma delas é crença que o surdo precisa ser oralizado, para se comunicar com outras pessoas, o que é um erro, pois a Libras foi reconhecida oficialmente para fortalecer a legitimação do povo surdo (Brasil 2002), embora, usando um canal diferente, a necessidade de comunicação é a

mesma do ouvinte, o que dificulta essa interação é o fato do ouvinte não saber a Libras ou não buscar entender e conhecer o que envolve a surdez, e o quão é importante para o povo surdo o uso da língua de sinais.

A oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração (Gesser, 2009, p. 50).

Segundo o sujeito P2 a relação dele com pessoas ouvintes acontece normalmente, por mais que tenha obstáculos ele consegue dialogar com ouvintes sem maiores problemas. Como segundo Laborit (1994, p. 131): “Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente, nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional que me torna dependente dos ouvintes”. A autora acima, apresenta uma postura autônoma, cuja liberdade se materializa por meio da língua de sinais, já o sujeito surdo P2, além da Libras se esforça para fazer a leitura labial e oralizar, e ainda utiliza de outros recursos gestuais para entender e se fazer entendido.

Pergunta 04: Em sua opinião, as pessoas de Picos conseguem se comunicar com surdos? Por quê?

RESPOSTA	
P1	P2
Em minha opinião, as pessoas da cidade de Picos não se comunicam com o surdo, porque falta estudo, curso de libras para pode se comunicar com o surdo. A maioria se comunica com o surdo através de intérpretes e também por pessoas que já estudaram o curso de libras básico.	Mais ou menos, porque elas sabem muito pouco de libras ou nada, só sinais caseiros.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Segundo Meira (2019), a linguagem possibilita a comunicação e interação entre os indivíduos, é por meio das convivências sociais que a atividade de pensar e expressar-se torna-se mais intensa. Assim também acontece com os surdos, como seres humanos, eles têm a mesma capacidade genética para adquirir uma linguagem humana, ou seja, uma língua.

Observamos pelo relato do sujeito P1 que algumas pessoas ouvintes não sabem Libras, e isso dificulta a interação do surdo com a sociedade, o que certamente dificulta as atividades laborais dos sujeitos pesquisados, pois ambos trabalham com atendimento ao público.

Como disse o sujeito P1, as pessoas ouvintes com quem ele tem contato ou já teve só conseguem se comunicar através de intérprete ou de alguém que já tenha um conhecimento básico da Libras, concluindo assim, que as pessoas ouvintes da cidade de Picos não se comunicam de forma adequada com os surdos. Para Meira (2019), a Libras é uma língua viva que expressa a beleza de um povo, capaz de propiciar ao surdo o desenvolvimento da sua cognição e pensamento, além de garantir seu acesso ao meio social e cultural.

Já o sujeito P2 relatou que os ouvintes com quem teve contato sabem de forma intermediária a Libras, e outros apenas sinais caseiros, ele evidencia a falta da Libras, inclusive por surdos, que segundo ele conhecem apenas sinais caseiros. De acordo Meira (2019), podemos identificar, inicialmente, a Libras, leitura labial e os gestos como meios de comunicação dentro de um lar, significando que, mesmo que o surdo tenha uma língua específica, ainda é muito comum que o diálogo aconteça por meio do que a literatura chama de sinais caseiros.

Dessa maneira, fica evidente que por meio de sua língua, os surdos podem interagir social e culturalmente com seus pares e com ouvintes que conheçam a libras. É por meio da Libras que os surdos podem expressar suas ideias, críticas, falar sobre suas experiências de vida e fazer questionamentos sobre o mundo. Assim, a libras é parte da vida do surdo e torna-se indiscutível sua importância para o desenvolvimento linguístico e social da pessoa surda (MEIRA, 2019; pág. 04).

Trazendo os sinais caseiros como uma forma mais rústica de comunicação entre ouvintes e surdos. Portanto, a Libras pode facilitar a comunicação do ouvinte com o sujeito surdo em qualquer ambiente em que esteja inserido. Nesse aspecto, Dizeu e Caporali (2005) afirmam que o contato do surdo com espaços nos quais ele possa se comunicar por Libras proporciona inúmeros benefícios.

Pergunta 05: Nesse período de pandemia teve inúmeras *lives* com intérpretes, você participou de alguma? Se participou, percebeu a presença de outras pessoas de Picos?

RESPOSTA

P1	P2
Não. Mas participei de vídeo conferências de caráter religioso.	Sim participei, algumas sobre a pandemia, outras com cantores e artistas, me ajudaram a obter informação e a relaxar um pouco, mas não percebi mais ninguém de Picos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Podemos observar que mesmo havendo *lives* o sujeito P1 não participou de nenhuma delas, ele talvez teria adquirido aprendizado relevante sobre a pandemia e medidas protetivas, isso revela que, os vários períodos de quarentena provocados pela pandemia do novo coronavírus proporcionou ao surdo um isolamento maior do que aos ouvintes, pois para o surdo é ainda mais difícil acesso à informação e comunicação. Embora a Lei nº 13.146 de 2015, garanta ao surdo o direito e acesso a programas de televisão bem como a informação, quase não se percebe a presença da Libras nesse contexto (BRASIL, 2015).

Por outro lado, o sujeito P2 esteve participando das *lives*, o que ajudou muito, porque obteve aprendizado sobre aspectos voltados para pandemia e informações sobre a proteção individual. Portanto, outro fator que analisamos é que mesmo as *lives* contendo intérpretes, as pessoas ouvintes da cidade de Picos não tiveram interesse em participar das *lives*, algo que seria de grande importância para os dois grupos, pois tanto o surdo como o ouvinte podem aprender sobre as culturas que estão expressas nas *lives*.

Outro fato relevante, é o demarcado pela presença do intérprete nas *lives*, acessibilizando o surdo além de permitir ao sujeito ouvinte conhecer mais sobre o povo surdo e sua cultura, como também explicitar a importância do uso da Libras para a comunicação entre ouvintes e surdos.

Pergunta 06: Você acredita que as pessoas de Picos conhecem a cultura surda?

RESPOSTA	
P1	P2

Eu acredito que sim, mas na maioria das pessoas não respeita e também aqueles que já estudaram sobre a cultura surda alguns têm respeito.	Não
---	-----

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na visão de Perlin e Strobel (2014, p.25):

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar a língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização.

Analisando as respostas dos sujeitos P1 e P2, podemos dizer que para o primeiro surdo às pessoas ouvintes conhecem a cultura surda, mas não a respeitam, o que é preocupante porque dificulta ainda mais essa inter-relação com o surdo em qualquer ambiente e torna a comunicação complicada; principalmente em tempos de pandemia onde é necessário o uso da máscara, pois se o ouvinte colocasse em prática o seu conhecimento sobre a cultura surda, saberia que seria necessário no mínimo o conhecimento básico da língua de sinais para facilitar essa comunicação.

Já na visão do P2 as pessoas ouvintes não têm conhecimento sobre a cultura surda, gerando um preconceito em relação ao surdo e a língua de sinais, e muitas vezes é vista como mímicas e não como uma língua, nesse sentido, ocasiona a falta de comunicação e desinteresse do sujeito ouvinte em conhecer ou entender sobre o povo surdo.

Pergunta 07: Durante a pandemia você se comunicou com outros surdos? Se sim, como essa comunicação acontece (por meio de vídeo chamada pelo *WhatsApp* ou outra rede social)?

RESPOSTA	
P1	P2

Sim, no início da pandemia eu triste às vezes, sentir falta da comunicação com amigos surdos, em casa família somente ouvintes. O isolamento demorou, então, eu usei Libras por vídeo do *WhatsApp*. Algumas vezes eu encontrei amigos surdos presencialmente, com distanciamento, mas máscara difícil eu procurava entender pelas mãos,

Sim, apenas pela internet, usando vídeo chamada pelo *WhatsApp*.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Observamos, que durante a pandemia tanto o sujeito P1 como P2 utilizaram o *WhatsApp* para interação com outros surdos. Percebemos na fala do P1, que no início da pandemia provocada pelo novo coronavírus, havia uma certa expectativa, que o distanciamento seria temporário, como isso não aconteceu o sujeito surdo, precisou usar ainda mais de recursos tecnológicos para minimizar o sentimento de tristeza pela ausência de contato com outros sujeitos da comunidade surda, visto que a máscara é um material de segurança indispensável, e que pode causar “ruídos” na comunicação.

Para Moura (2018), é pela linguagem que o indivíduo afirma sua identidade e se configura como sujeito perante os demais, além disso, é por meio da língua que ele pode compreender o mundo à sua volta e perceber as consequências de determinadas situações, por isso, a plataforma digital *WhatsApp* que já usava da funcionalidade de chamada de vídeo se tornou ainda mais necessária nesse período, dado que permite a seus usuários comunicar tanto em língua oral como em língua de sinais e minimizar os sentimentos negativos advindos do isolamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura surda tem uma grande importância para a pessoa surda, porque conta a história do povo surdo, e como estes adaptam o mundo as suas percepções visuais, as suas lutas e suas conquistas no decorrer do tempo (STROBEL 2009). Mas essa cultura também precisa ser importante para o sujeito ouvinte, pois eles conheceriam as peculiaridades do povo surdo e como a Libras se desenvolveu durante o tempo, inferindo a importância dela para o surdo e de que modo ela é necessária para a convivência harmoniosa em ambientes laborais.

Os resultados obtidos nessa pesquisa demonstram as dificuldades que os surdos enfrentam para obter informações básicas no atual cenário polêmico, evidencia a importância de páginas acessíveis na *internet*, visto que a família ouvinte não usuária de Libras não consegue suprir as necessidades de informação, percebemos também a pouca interação da comunidade de Picos com os surdos que estão imersos em atividades laborais.

Observamos ainda, que diante da omissão local, os surdos buscam alternativas para obter informações e diminuir efeitos negativos do isolamento social, inclusive optam por eventos com interpretação em Libras como lives e eventos religiosos. Além disso, as medidas protetivas acionadas nesse período atrapalham a leitura labial e outras expressões que ajudam a compreensão do surdo, por isso, carecem de adaptações para permitir que o surdo compreenda e se faça entender aos ouvintes por meio da língua de sinais ou outras estratégias de comunicação.

Portanto, é de suma importância que as pessoas busquem compreender o surdo e realizem adaptações pertinentes, neste período de pandemia, por exemplo, é necessário o uso de máscaras transparentes e informes locais sobre a pandemia, pois tais ações facilita a interação e possibilita a inserção social.

Por fim os resultados apontam que a comunicação entre surdos e ouvintes na cidade de Picos, no interior do Piauí, não supre as necessidades comunicativas dos surdos e que durante a pandemia não houve circulação de informação, acessível em Libras, promovida pela sociedade picoense, constatando a carência de conhecimento desta língua, principalmente nos espaços onde surdos realizam atividades laborais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais– Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. *Educ. soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/ Ago. 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GIL, A. C. **Projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994. (Yin, 1981).

KLEIN, Madalena. **Tecnologias de governo na formação profissional dos surdos**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Acesso em: <http://hdl.handle.net/10183/3696> acesso em 27/05/2021 às 10:37.

LABORIT, E. **O voo da gaivota**. Trad. Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. (Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny).

MEIRA, Larissa Santiago; ANDRADE, Lorena Santos; GONÇALVES, Márcio dos Santos; OLIVEIRA, Ione B.S. **Surdez e Família: a comunicação entre surdo e ouvinte no contexto familiar**. Universidade Federal do Recôncavo – UFRB, Bahia, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, M. C. **Surdez e linguagem**. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (orgs.). *Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e a educação de surdos*. São Carlos: EduFSCAR, 2018. p. 165-183.

OLIVEIRA, João Carlos de. **A importância da informação e da comunicação na pandemia de coronavírus: estratégias da promoção da saúde**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 04, jul e 2021. Disponível em: < <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2020/05/importancia-da-informacao-e-da-comunicacao-na-pandemia-de-coronavirus-estrategias-da> >. Acesso em: 04, maio e 2021.

OMOTE, S. (1996). **Perspectivas para conceituação de deficiências**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 2(4), 127-135.

PERLIN, Gladis TT. **Alternativas metodológicas para o aluno surdo**. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2005.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. *Educar em Revista*, n.2, p. 17-31, 2014.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: Construindo Uma Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

STROBEL, Karin L **História da educação de surdos.**, 2009

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. ed. Da UFSC: Florianópolis, 2008.

STRNADOVÁ, Vera. **Como é ser surdo**. Petrópolis: Editora babel, 2000.

QUADROS, Ronice. Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221 p

VILHALVA, Shirley. **Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã**. Campo Grande/ MS: Gráfica e papelaria Brasília, 2001.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Antônia Carolina de Jesus Silva
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Sons e Sinais: A importância da Libras na comunicação
de surdos na cidade de Picos Piauí
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de julho de 2021

Antônia Carolina de Jesus Silva
Assinatura

Antônia Carolina de Jesus Silva
Assinatura